



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

17923 - Resumo Expandido - Trabalho - XXVII Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste – Reunião Científica Regional – ANPEd Nordeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GT02 - História da Educação

A RESISTÊNCIA DOS SABERES NAS ARTES DA SUTILEZA: TRAJETÓRIA FORMATIVA DE MADRINHA TILA DO TERREIRO DE SANTA BÁRBARA – NAÇÃO XAMBÁ (PE)

Tayanne Adrian Santana Moraes da Silva - UFPE - Universidade Federal de Pernambuco

Agência e/ou Instituição Financiadora: FACEPE - Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia de Pernambuco

A RESISTÊNCIA DOS SABERES NAS ARTES DA SUTILEZA:

TRAJETÓRIA FORMATIVA DE MADRINHA TILA DO TERREIRO DE SANTA BÁRBARA –
NAÇÃO XAMBÁ (PE)

1 INTRODUÇÃO

Lugar de práticas simbólicas, cerimônias religiosas e de compartilhamento de experiências com o sagrado, os terreiros podem ser entendidos também como espaços em que o mundo natural, o sobrenatural e as formas de organização social se entrelaçam, sendo, portanto, um espaço em que circula um “saber-fazer a respeito do mundo natural, sobrenatural, transmitido oralmente de geração em geração” (Diegues; Arruda, 2001, p. 50). O Terreiro de Santa Bárbara – Nação Xambá, ou Ilê Axé Oyá Meguê, localizado na cidade de Olinda, em Pernambuco, pode ser entendido como um desses espaços, bem como uma das mais tradicionais casas de culto afro-brasileiro da história de Pernambuco. A história desse terreiro está intimamente relacionada às trajetórias de suas lideranças religiosa Maria das Dores da Silva (1900-1939), fundadora do terreiro e mais

conhecida como Maria Oyá, Severina Paraíso da Silva (1914-1993), conhecida por Mãe Biu, ialorixá que passou mais tempo a frente da Nação Xambá no estado, e Donatila Paraíso do Nascimento (1912-2003), conhecida entre os xambazeiros como Madrinha Tila.

Resguardadas as particularidades e atuações dessas mulheres, destacamos, neste estudo, as especificidades daquela que exerceu um cargo aparentemente “secundário”, mas igualmente importante para a configuração do terreiro, notadamente, Madrinha Tila. A sobrevivência da Nação Xambá em terras pernambucanas, dificilmente poderia ser compreendida sem considerarmos a atuação de Donatila Paraíso. Iniciada por Maria Oyá, Madrinha Tila assumiu desde a criação do terreiro a função de madrinha, a segunda pessoa mais importante na hierarquia da casa, cujo papel era de auxiliar na feitura dos rituais e de aconselhar a ialorixá em seu exercício religioso (Costa, 2007). Donatila exerceu a função de madrinha em 1934, permanecendo no cargo até 2003, ocasião em que assumiu a posição de ialorixá, após a morte de Mãe Biu – de quem era irmã tanto no Candomblé quanto de sangue.

Como bem apontado, a figura da madrinha se caracteriza pelo papel de mediadora e orientadora do fazer espiritual da casa, o que denota a importância de sua função para o terreiro, dado que explica o interesse desta pesquisa por Madrinha Tila. Ao considerar o exposto, esta pesquisa esteve orientada pela seguinte problemática investigativa: como se forjou a figura de Donatila Paraíso do Nascimento, enquanto madrinha, no Candomblé da Nação Xambá e qual a relação de seu papel com a resistência do Terreiro?

Ao ter em vista a problemática o tema desta pesquisa – notadamente formação de mulheres e cultos afro-brasileiros – teve-se como objetivo analisar a trajetória formativa de Donatila Paraíso enquanto madrinha do Terreiro da Nação Xambá em Pernambuco e, com isso, identificar elementos em sua formação que possam contribuir com o campo da História da Educação. A problemática e o objetivo desta pesquisa estão inseridos na História da Educação de Mulheres no Brasil.

A investigação se deu mediante o conceito de “educação tradicional” por Massandi (2003) que demonstra como determinadas práticas educacionais estão profundamente relacionadas ao meio cultural da qual elas se originam e são transmitidas oralmente, o que em muito dialoga com a formação no Candomblé. Nos baseamos ainda nos estudos de Michel de Certeau (1995) que nos permite colocar em perspectiva as experiências, criatividade e desvios dos homens e mulheres ordinários que agem com aquilo “que nos é dado cada dia (ou que nos cabe em partilha), nos pressiona dia após dia” (Certeau, 1995, p. 31). Em diálogo com a História da Educação, ambos os autores possibilitam incursões teóricas para

investigar diferentes práticas e experiências educacionais e formativas enquanto práticas políticas que reinventam o cotidiano.

Esta pesquisa, há que se ressaltar, está alicerçada aos métodos da pesquisa histórica. Nos valem, inicialmente, da pesquisa bibliográfica e documental, bem como da metodologia da História Oral (Alberti, 2005). A pesquisa documental foi realizada no Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano (APEJE), em Pernambuco, na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional e no Memorial Severina Paraíso da Silva, dedicado a figura de Mãe Bui e está situado nas dependências do terreiro em Olinda – memorial este que resguarda documentações relativas ao funcionamento do Terreiro desde sua fundação, o que nos permitiu localizar fontes relativas à figura de Madrinha Tila. Dentre os narradores da pesquisa, conforme aponta Alberti (2005), contamos com as narrativas de parentes de Madrinha Tila: Maria do Carmo de Oliveira, a Cacau da Xambá, sobrinha-neta; Adeildo Paraíso da Silva, o Pai Ivo de Xambá, atual babalorixá e sobrinho; Hildo Leal da Rosa, historiador e curador do memorial Severina Paraíso da Silva, iniciado no Candomblé por Madrinha Tila; Juvenal Ramos, seu irmão.

2 DESENVOLVIMENTO

Donatila Paraíso do Nascimento, filha de Orixalá, nasceu em 1912, no Recife. Rodeada de privações, carência alimentar e ausência do poder público, quando jovem, trabalhou como costureira e parteira, ofícios que aprendeu por meio da observação junto a ialorixá que lhe iniciou no Candomblé, Maria Oyá. Donatila foi mãe de três filhos consanguíneos e de diversos iniciados no candomblé – cuja documentação do terreiro não permite estimar. Foi iniciada no Candomblé em 1932, uma das primeiras iniciadas da história do terreiro, tornando-se madrinha do Terreiro de Santa Bárbara em 1934 (Menezes, 2005).

Para além de ser conhecida por sua dedicação aos orixás e por sua observância rigorosa aos rituais, pode-se inferir que sua proximidade com a ialorixá e o fato de ser a mais velha, em termos de iniciação, tenha influenciado a escolha de Maria Oyá por Madrinha Tila. Contudo, esse laço foi duramente interrompido. Durante o Estado Novo, sob a ação de Agamenon Magalhães, nomeado como interventor em Pernambuco por Getúlio Vargas no ano de 1937, foi dado início a uma campanha que incluía as seitas africanas e os centros espíritas no rol de opositores da ordem e do progresso que se queria para a nação. Inspirado por esses ideais e embasado no Código Penal de 1890, Etelvino Lins, secretário de segurança pública de Agamenon Magalhães – e adepto fervoroso do catolicismo – entre os anos de 1937 e 1945, expediu a portaria de n. 193, em 22 janeiro de 1938, que proibia o funcionamento de terreiros e centros espíritas. No mesmo ano da portaria, o Terreiro de Santa Bárbara foi fechado após uma invasão policial, levando

Maria Oyá, a líder do terreiro, a uma profunda depressão, seguida de seu falecimento no ano seguinte (Costa, 2009).

Com a morte da fundadora do terreiro e mediante a proibição do funcionamento dos terreiros em Pernambuco, os iniciados do Terreiro de Santa Bárbara se dispersaram pela cidade do Recife. Contudo, junto a sua irmã, Severina Paraíso, Madrinha Tila continuou mantendo funções religiosas às escondidas dos olhos policiais, o que fez com que antigos membros passassem a procurá-las em momentos de aflição espiritual. Pode-se inferir que o fato de Donatila Paraíso ter sido a madrinha do terreiro de Maria Oyá fez com que alguns creditassem a ela a sabedoria e a responsabilidade de prover alívio espiritual nos momentos de necessidade (Rosa, 2022).

A importância da figura de Madrinha Tila nesse processo de sobrevivência e, sobretudo, de resistência fica evidente se levarmos as controvérsias em torno da sucessão do cargo de ialorixá. Na década de 1940, ainda com a vigência da Portaria de Etelvino Lins e com as portas do terreiro fechadas – oficialmente, há que se ressaltar –, o tema da sucessão passou a ser discutido devido à uma grave doença que acometeu Severina Paraíso, doença esta que, segundo as narrativas orais, não era entendida pelos médicos. Segundo o senhor Hildo Leal da Rosa (2022) e Cacau da Xambá (2022), devido a doença incompreendida, Severina Paraíso, sob orientação de Madrinha Tila, recorreu aos orixás por meio do jogo de búzios. O que lhe foi revelado ia de encontro as expectativas dos antigos membros do terreiro: a irmã, Severina, seria a responsável por reabrir o terreiro no futuro.

Ao que indicam as narrativas, a irmã de Madrinha Tila não tinha, necessariamente, o perfil para ser uma ialorixá. A seriedade e o comprometimento com a religião, características tão caras aos líderes religiosos do Candomblé, eram mais perceptíveis em Madrinha Tila, o que aos olhos dos antigos adeptos do terreiro de Maria Oyá tornavam Donatila Paraíso mais apta ao cargo. Madrinha Tila, no entanto, reconheceu os desígnios do sagrado e, não só reconheceu a responsabilidade da sua irmã e a autoridade daí decorrente, como continuou no cargo de madrinha, tornando-se fundamental no processo de reestabelecimento do terreiro no momento de sua reabertura oficial – mediante um contexto mais favorável democraticamente –, em 1950.

Ainda que as decisões no plano transcendental não possam ser analisadas sob o prisma da História – embora suas representações sejam consideradas pelos historiadores – o que se percebe aqui é o modo como Madrinha Tila reconheceu a força da ancestralidade em seu modo de agir e, tal qual o aprendido na lida com o terreiro, confiou na sabedoria dos ancestrais. Assim, Madrinha Tila continuou cultuando os orixás e exercendo a escuta dos problemas daqueles que procuravam o seu aconselhamento e de sua irmã Severina, agora Mãe Biu, dado expresso na

narrativa do senhor Juvenal Ramos:

[...] eu acho que ela absorveu, talvez, mais conhecimento do que a finada Biu. Ela estava ali como um elemento a proteger, a orientar, quando Biu tinha dúvida. Quer dizer, as duas estava, em vez de darem choque, as duas estavam unidas (Ramos, 2022, n.p.).

Por acompanhar Maria Oyá desde o início de sua formação enquanto líder religiosa, bem como por sua memória excepcional, muitos xambazeiros, a exemplo do senhor Juvenal, acreditam que Madrinha Tila detinha ainda mais conhecimento que a própria Mãe Biu e por ser mais velha, tanto em termos de idade cronológica quanto de iniciação, Madrinha Tila era a responsável por proteger e conduzir o fazer religioso de sua irmã, o que, segundo o senhor Hildo Leal da Rosa, fez com que Madrinha Tila tenha se tornado a pessoa “mais importante em questão de depósito de confiança” por parte de Mãe Biu (Rosa, 2022, n.p.).

O cargo ocupado ainda jovem no terreiro de Maria Oyá possibilitou uma formação baseada, sobretudo, no exercício de orientar o fazer religioso das ialorixás da casa. Tal cargo tinha a confiança entre essas mulheres como alicerce, dado que se expressa também na função que Madrinha Tila exercia nos tranSES rituais de Mãe Biu. Quando imerso no transe ritual, segundo os xambazeiros, o indivíduo não consegue lembrar-se daquilo que o orixá incorporado lhes disse. Cabe a essa pessoa ser lembrada dos chamados “recados” – termo utilizado no Terreiro de Santa Bárbara – do orixá por alguém que não estava em transe.

[...] uma ialorixá que incorpora ela tem que ter uma pessoa de confiança [...] ela era quem dizia todos os recados de Oyá, que é o Orixá que rege a Casa e Ogum, o Orixá de cabeça de tia Biu. E ela tinha que reproduzir fielmente o que o Orixá deixou dito, para tia Tila dizer a tia Biu, entendeu? Então, ou você tem uma pessoa de extremíssima confiança, ou então, você não vai para frente com aquilo ali não (Oliveira, 2022, n.p.).

Como segunda pessoa em termos de hierarquia da casa, Madrinha Tila assumiu a função de ouvir os “recados” dos orixás, o que lhe fez construir um repertório cultural que congregava diversos saberes tradicionais de sua religião. Isto se configurou também como um exercício de memória ao ponto de, nas palavras do senhor Ivo de Xambá, Madrinha Tila ser considerada “como se fosse um cérebro”, uma pessoa que “tinha um conhecimento amplo”, ao ponto de ser descrita como “uma enciclopédia” (Silva, A., 2022, n.p.).

Ainda sobre a relação entre sua formação e as experiências com o sagrado, vale ressaltar o elemento da mobilidade entre diferentes religiões, visto que Madrinha Tila mesclava elementos do Candomblé e do Catolicismo em sua prática

religiosa. Donatila era conhecida no terreiro por sua fé não somente nos orixás, mas pelo respeito que detinha em relação aos preceitos da Igreja Católica. Na juventude, quis seguir como freira, mas sua dedicação aos orixás não permitiu que concretizasse esse ensejo (Costa, 2009). Mesmo não tendo realizado essa aspiração pessoal, permaneceu, no entanto, uma formação religiosa que resguardava elementos de uma tradição católica em diálogo com os aprendizados construídos no Candomblé.

Madrinha Tila frequentava as missas católicas, empreendia novenas, jejuava na Quaresma e contribuía assiduamente com as obras de caridade da igreja, segundo Costa (2009). Na função de madrinha do terreiro, exigia o batismo e o sacramento da crisma das crianças que seriam iniciadas no terreiro, como pode ser evidenciado a partir das memórias da senhora Cacau da Xambá:

Hoje em dia eu não sei mais como é na igreja, mas a gente tinha que fazer tudo isso, assistir aula de catecismo, dava a benção ao padre. O menino nasceu? Só entrava no salão se ele primeiro fosse batizado na igreja [...] tia Tila ia em todas as procissões que tivesse em Olinda e Recife, com uma da gente agarrada de lado, assim. A gente era obrigado a assistir à missa, a gente tinha que fazer a primeira comunhão, se vestir de noiva, sair pelo mundo afora dando a benção, tirava foto, fazia bolo e tal (Oliveira, 2022, n.p.).

Com o relato acima fica evidente que a formação no âmbito do catolicismo influenciava as ações de Madrinha Tila. Ao exigir o batismo das crianças, à frequência ao catecismo e à igreja, bem como frequentar as procissões dedicadas aos santos católicos em companhia das crianças do terreiro, Donatila Paraíso mesclava e acionava elementos de religiões tidas, por vezes, como diametralmente opostas. Nesse movimento, Madrinha Tila é um exemplo da plasticidade religiosa no plano interno do Candomblé, assim como reflete as continuidades e rupturas culturais, bem como os sincretismos com relação à ancestralidade africana em um contexto de diáspora negra (Bastos, 2011). Ao trilhar caminhos entre religiões distintas, Madrinha Tila demonstrava uma habilidade de manejar diferentes saberes sem, com isso, perder de vista os ritos e saberes tradicionais da nação Xambá.

Há que se ressaltar, nesse contexto, que Madrinha Tila construiu uma formação baseada em um cargo que ora era visível – enquanto administrava a casa junto a Maria Oyá e depois com Mãe Biu – ora era invisível – uma vez que, mediante as artes da sutileza, buscava intervir discretamente na vida dos filhos de santo e direcionar o fazer religioso de sua irmã. Sua formação enquanto líder-madrinha perpassava também aspectos de administração orçamentária do terreiro, como pode ser evidenciado nas palavras do senhor Juvenal Ramos.

A importância dela era muito grande pelo respeito que se tinha, pela pessoa que ela representava a cada um dos filhos

de Orixá, a honestidade que ela trabalhava, não só a honestidade espiritual como a honestidade material. Hoje, quem é que confia colocar dinheiro na mão de alguém? Tem? Muito raro. Se estava para fazer uma louvação de uma Filha de Santo para tal data, podia chegar na mão dela “toma Dona Tila”, Mãe Tila, Madrinha Tila, Tia Tila, como queira chamar, não tinha quem fizesse ela demover um centavo daquele dinheiro por maior necessidade que o outro tivesse (Ramos, 2022, n.p.).

Para além de habilidades de observação, memorização e interpretação, Madrinha Tila precisou construir habilidades de administração e trato com os diversos sujeitos que passaram pelas portas do terreiro e ali se dedicaram aos orixás, o que desaguou na imagem de mulher que foi também responsável pela resistência de uma linhagem de culto afro-brasileiro que em muito foi vilipendiada.

[...] eu credito a sobrevivência da nossa tradição religiosa a duas mulheres bem específicas: Mãe Biu e Mãe Tila. A gente só chegou até aqui por conta delas [...] pelo conhecimento e pela memória, e pelo carisma e pela transformação que a vida delas tiveram, a nossa tradição religiosa sobreviveu por conta dessas duas mulheres [...] É a gente está aqui hoje, eu não tenho a menor dúvida, por causa das duas grandes responsáveis por isso que é Mãe Biu e Mãe Tila, Mãe Tila não só pelo conhecimento, mas também pela memória, e Mãe Biu pelo carisma e pela força administrativa também (Rosa, 2022, n.p.).

Na trajetória de Madrinha Tila e na sua atuação enquanto madrinha do terreiro, podemos perceber que o trato diário com o sagrado transformou a vida dessa mulher e ensejou suas ações no mundo profano. Assim, Madrinha Tila, a eterna madrinha do Terreiro de Xambá, se forjou enquanto liderança feminina religiosa dentro do terreiro, negociando e recriando meios de transmissão da cultura de sua casa de culto, fosse pelos seus ouvidos atentos ou por sua memória e administração rigorosa, constituindo-se enquanto representação simbólica da força do Terreiro de Santa Bárbara – Nação Xambá.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo da trajetória formativa de Donatila Paraíso do Nascimento nos convida a observar a dimensão política e formativa de suas experiências, o que dialoga com o campo da História da Educação na medida em que permite aos historiadores desvelar sujeitos históricos femininos que buscaram em seus processos de aprendizagem e formação de si a possibilidade de um lugar mais significativo e atuante no tecido social.

Consideramos que a trajetória formativa do sujeito ocorre, nesse ínterim, não apenas por meio da assimilação passiva de conhecimentos e normas, mas também

pela capacidade de mobilizar recursos e acionar seus aprendizados para enfrentar os desafios e as limitações do ambiente em que se está inserido. Ao reconhecer que o conhecimento, a aprendizagem e a formação não são apenas impostos de cima para baixo, mas construídos e apropriados pelos indivíduos, abre-se espaço para estudos históricos da educação que valorizam a criatividade e a autonomia de quem aprende-ensina.

A partir do estudo da trajetória formativa de uma mulher negra e religiosa do Candomblé, também responsável pela resistência dos conhecimentos tradicionais de seu terreiro, percebe-se que os sujeitos postos à margem sempre possuíram vozes para se fazerem ouvir. Ou seja, já não nos cabe nem nunca nos coube, enquanto historiadores da educação, dar voz a esses sujeitos. O que podemos é apreender uma fina partícula de seus processos de formação e, dentre tantos outros propósitos, convidarmos outros ouvidos/sentidos para ouvi-las/senti-las.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, V. História oral: a experiência do CPDOC. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2005.

BASTOS, I. S. “Mulheres labás”: liderança, sexualidade e “transgressão” no candomblé. 2011. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa: UFPB, 2011.

DE CERTEAU, M. A cultura no plural. Campinas: Papirus, 1995.

COSTA, V. G. É do dendê! História e memórias urbanas da nação Xambá no Recife (1950-1992). São Paulo: Annablume, 2009.

DIEGUES, A. C.; ARRUDA, R. S. V. Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil. Brasília/São Paulo: Ministério do Meio Ambiente/USP, 2001.

MASSANDI, P. K. História da Educação na África. In: CASTRO, F. A outra independência. São Paulo, Feusp, 2003.

MENEZES, L. As Yalorixás do Recife. Recife: Funcultura, 2005.

OLIVEIRA, E. D. Filosofia da ancestralidade como filosofia africana: educação e cultura afrobrasileira. Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação – RESAFE, n. 18, mai-out, 2012, pg. 28-47.

PERNAMBUCO. Diário Oficial do Estado de Pernambuco. Portaria n. 193, de 22 de janeiro de 1938. Recife, 26 de janeiro de 1938.

Palavras-chaves: História da Educação; Formação; Saberes tradicionais; Candomblé; Madrinha Tila.